

## Recensões

aposto do complemento directo (p. 30); uma vez que o aposto concorda em caso com o termo que especifica, conclui-se que pode ser representado por qualquer caso latino. Não se alude à construção pessoal como forma possível de exprimir o sujeito indeterminado (p. 140). Aponta-se o uso do modo conjuntivo nas proposições temporais-causais sem, no entanto, haver a necessária indicação dos tempos utilizados (p. 219).

No apêndice dedicado à métrica, colocam-se sob a designação de eclipse dois fenómenos distintos — elisão e eclipse.

É de lamentar, ainda para mais num manual eminentemente didáctico, a existência de inúmeras ‘gralhas’ que passamos a referir: nomentânea por momentânea (p. 39), locuplex por locuples (p. 54), pugnauimus por pugnauimus e quae por quae (p. 68), vervo por verbo (p. 78), Aplologia por Haplologia (p. 86), credentum por credendum e oblativo por ablativo (p. 100), himabat por hiemabat (p. 125), sintáticas por sintácticas (p. 139 e 142), qualqer por qualquer e refens por reféns (p. 141), acjectivos por adjectivos (p. 143), adejectivos por adjectivos (p. 144), fortir por fortior (p. 147), vêm por vêem e vez por vês (p. 154), triumpho por triumpho e signficação por significação (p. 165), antonio por Antonio (p. 170), damnatus por damnatus (p. 215), propoter por propter (p. 217).

Certamente, por lapso, surge a frase «Mater et ejus filiam video.» em vez de «Matrem et ejus filiam video.» (p. 65).

O capítulo «XIII. Formação das palavras» merece a nossa aprovação pelo cuidado particular que presta à formação de palavras por derivação, dando conta, de forma exaustiva, dos diversos prefixos e sufixos que entram nesse processo.

Há que destacar ainda a boa qualidade gráfica da gramática.

A título de conclusão, consideramos que o manual em causa, apesar do que foi apontado, poderá ser útil a todos aqueles que optam por seguir os difíceis mas simultaneamente gratificantes caminhos da Língua do Lácio, alargando o leque de opções disponíveis quer para os docentes quer para os discentes, num mercado livreiro de pequena dimensão como é o nosso.

ANTÓNIO ANDRADE/ANTÓNIO GONÇALVES

### **Adriana Freire Nogueira, *As Quase Verdadeiras Aventuras de Hércules*, Queluz, Alda Editores, 1997.**

É com toda a satisfação que vemos editada uma nova obra de temática clássica destinada ao público juvenil. Sendo este unanimemente reconhecido como fiel seguidor e ávido consumidor de heróis, não será de estranhar vê-lo entusiasmado com as aventuras de um ser de capacidades extraordinárias que regressa do passado: Hércules.

## Recensões

O livro apresenta uma estruturação nitidamente bipartida: um primeiro momento que trata as diversas fases e episódios da vida de Hércules até à sua identificação como herói e um segundo momento respeitante aos doze trabalhos infligidos a Hércules por Euristeu. É de registar que apenas são referidos os quatro trabalhos iniciais, ficando os restantes para um segundo volume.

Fazer reviver um herói do passado, através da escrita, e torná-lo atraente e divertido aos olhos do público mais jovem não é certamente tarefa fácil. Cabe aqui atribuir todo o mérito à autora do livro que, como veremos, não se poupou a esforços para o conseguir.

Evidenciam-se, ao longo de toda a obra, variadas estratégias de motivação para a leitura: o uso de uma linguagem acessível e a preferência por frases simples ou de duas orações, para facilitar o ritmo de leitura, a narração inicial da história a obrigar a uma analepse, o que de certa forma espicaça a curiosidade dos leitores, a inesperada titulação de alguns capítulos como, por exemplo, *A culpa foi da vaca!* (p. 12), o uso do presente histórico, para maior dinamismo e vigor das narrações (vide quando o pequeno Alcides (posteriormente designado Hércules) mata as duas serpentes (p. 35) e a disseminação por todo o texto de cenas hilariantes que resultam sobretudo de uma sábia articulação do cómico, sobretudo a nível da linguagem (vide a confusão gerada entre *Pa Lerna* e *Palerma*, (p. 103)) e das situações produzidas (basta lembrar o episódio, na p. 13, da vaca enlouquecida ou, na p. 92, o insuportável pivete do leão de Némea). A presença de registos de língua próprios do uso quotidiano dos jovens leitores (veja-se, por exemplo, *Estás tramado, tio* (p.112) ou *ó javardo* (p. 123)) favorece igualmente uma certa empatia entre o livro e os seus potenciais destinatários.

No intento de favorecer a compreensão dos factos narrados, teve a autora o cuidado de facultar um mapa (p. 9) que veio auxiliar a localização dos topónimos referidos ao longo da obra. É igualmente positivo o facto de descodificar em nota de rodapé termos cujo significado não é imediatamente acessível ao comum dos leitores como, por exemplo, *estádio* (p. 20), *peplos* (p. 28) e *tholos* (p. 50). Relativamente a este aspecto, importa focar que o significado da palavra *exposto* (p. 32) não recebeu qualquer elucidação, facto que se impunha pela especificidade semântica de que o conceito se reveste. Ainda no que respeita ao aspecto linguístico, a autora rejeitou alguns nomes próprios de personagens pouco relevantes para o desenvolvimento da acção e que, do ponto de vista da sonoridade, causariam certamente estranheza aos ouvidos dos mais jovens (por exemplo, optou pela expressão *um outro tio* (p. 13) para designar Esténelo e por *rei de Tafos* (p. 14) para se referir a Ptérelas).

Ressalta igualmente aos olhos de qualquer leitor a intenção persistente e, sem dúvida, muito positiva de alargar os horizontes culturais dos mais

jovens. Para além da breve reflexão sobre a natureza dos deuses que surge a propósito da história do monstro Tífon (pp. 64 a 66), verificamos que a referência a divindades gregas é frequentemente acompanhada, no próprio texto, dos correspondentes nomes romanos, sendo também uma constante a alusão aos símbolos que transportavam e aos poderes que as assistiam (vejam-se os seguintes exemplos: (...) *Hera (conhecida por Juno no mundo romano), já sabia que a criança que estava para nascer era filha de Zeus. Roída pelos ciúmes, chamou a sua filha Ilítia, a divindade que assistia aos partos (...)* (pp. 28 e 29); *A deusa (Atena) estava disfarçada de viajante, mas eles reconheceram-na pelo mocho que nunca saía do seu ombro divino.* (p. 32)). A par destas referências ao mundo mitológico greco-romano, que vão sendo perfeitamente encaixadas na narrativa, surgem outras de igual interesse respeitantes à etimologia de alguns nomes próprios (por exemplo, *Quando este feito se tornou conhecido, ele (o pequeno Alcides) passou a ser chamado Héacles, o que significa a «glória de Hera», pois fora devido a ela que ele se manifestara em toda a sua força logo de pequenino.* (p. 35); *O rei tinha uma filha, chamada Cometo (palavra grega que significa «de cabelos ruivos» (...)* (pp. 17 e 18)), ao porquê de certos nomes de fenómenos e realidades celestes, nomeadamente, da Via Láctea (p. 32) e dos signos de Leão (p. 98), Caranguejo (p. 108) e Sagitário («Centauro») (p. 129), descortináveis no céu sob a forma de constelação e a alguns acontecimentos culturais como são os Jogos Píticos (p. 63) e Nemeus (p. 99). Também a elucidação das máximas *gnôthi seauton* («conhece-te a ti mesmo») e *mêden ágan* («nada em excesso») é um aspecto que, sem dúvida, contribui como mais um dado de enriquecimento cultural.

Importa ainda salientar um facto que de forma alguma deverá ser relegado para segundo plano: a possibilidade que o livro nos oferece de contactar de perto com os usos e costumes do mundo grego antigo. Assistimos aos primeiros passos de Héacles na escola, isto é, dando os primeiros passos na aprendizagem da leitura, da escrita, da música, do canto, do montar a cavalo e do manejo das armas. Curioso é verificar como a autora, com um olho no passado e outro no presente, coloca Héacles a braços com problemas próprios da nossa realidade escolar, a saber: hiperactividade, agitação, falta de concentração e de perseverança, distração e falta de material nas aulas acrescida da falta dos trabalhos de casa (pp. 35 a 38). Presenciamos um julgamento, em pleno tribunal, em que Héacles assume a posição de réu (pp. 39 a 42), assistimos aos rituais de hospitalidade prestados na corte do rei Téspio (pp. 44 a 46) e num solar pertencente a uma família asiática (p. 104), vibramos com a agitação dos apostadores de umas corridas de carros puxados a cavalo (p. 49), entristecemos-nos com as carpideiras que choram e gritam lamentações no funeral de Anfitrião (p. 56), vemos passar o cortejo nupcial dos irmãos Héacles e Íficles que se preparam

## Recensões

para receber a mão, respectivamente, da filha mais velha e mais nova de Creonte, rei de Tebas (pp. 56 e 57), e viajamos até Delfos, onde vemos Hércules consultar o oráculo para saber dos desígnios dos deuses (p. 60).

Apesar da multiplicidade e diversidade de elementos histórico-culturais presentes no texto, o livro não se torna de difícil leitura, para o que muito contribui a forma oportuna e paulatina como vão sendo referidos. Para o mesmo efeito concorrem os breves momentos de catálise, que ocasionam belíssimos momentos descritivos como provam as seguintes palavras: (...) *Anfitrião ficou a ver a cabeça de Cometo a esvoaçar. Aquela mancha cor de fogo, em contraste com o branco-luminoso das pedras da praia e o azul do céu misturado com o mar, mais parecia um pôr do Sol dançante que um ser humano em movimento* (p. 19).

Do ponto de vista meramente formal, capa e contracapa apresentam numa figuração colorida de duas das cenas mais empolgantes do livro: a luta corpo a corpo de Hércules com o leão de Némea e a aniquilação pelo herói, auxiliado pelo sobrinho Iolau, das nove cabeças da Hidra de Lerna. Quanto à mancha tipográfica utilizada, os caracteres são relativamente grandes, o que só vem facilitar a leitura. As ilustrações interiores pecam pela monotonia do preto e branco, aspecto apenas justificável pela necessidade de não encarecer o livro. O texto apresenta algumas gralhas, que esperamos ver suprimidas numa próxima segunda edição.

O livro apresenta na parte final um posfácio, um glossário e dois quadros genealógicos, todos eles elementos de indiscutível valor para a compreensão da obra. Relativamente ao primeiro (pp. 132 a 134), chama a atenção para os cuidados e procedimentos levados a cabo para a realização da presente obra, alerta para as diferentes e, por vezes, contraditórias tradições lendárias relativas à figura de Hércules, justifica o uso de Hércules, no título do livro, e de Hércules, no seu interior e a intenção que presidiu à feitura d' *As Quase Verdadeiras Aventuras de Hércules*. Justifica ainda o facto de situar a acção um pouco antes do século XIII A. C., num espaço construído a partir de informações de autores antigos e do que é possível ver na Grécia dos nossos dias. Para além disto, faz referência às fontes gregas e latinas consultadas, bem como a alguns livros recentes, que foram um auxílio importante para a empresa a que a autora se propôs e que funcionam como uma nota de referência para todos aqueles que desejem aprofundar os assuntos tratados. No que respeita ao glossário (pp. 135 a 153), as setenta e seis entradas que regista contêm informação rigorosa, precisa e suficiente para desvanecer as possíveis dúvidas que eventualmente possam surgir aos leitores menos familiarizados com os aspectos referidos. Quanto aos dois quadros genealógicos (pp. 154 e 155), são bastante sistemáticos, tendo a autora salientado, em virtude de as personagens mencionadas ao longo do livro terem tido famílias muito numerosas, o facto de ter decidido referir,

## Recensões

num esforço de simplificação, apenas as que têm ligação directa com a história.

Tendo em mente as considerações tecidas, registre-se, por último, que, sendo um livro destinado sobretudo aos jovens, revela-se um documento de inegável préstimo para o público mais crescido, quer pela possibilidade de dar a conhecer factos e realidades de um passado distante, quer pela forma inovadora como ajuda a actualizar aspectos menos difundidos ou até esquecidos da antiguidade clássica.

ISABEL GRAÇA

**Jostein Garden, *A Vida é Breve*, Lisboa, Editorial Presença, Coleção Grandes Narrativas, vol. 66, 1998.**

Com a edição de *O Mundo de Sofia*<sup>1</sup>, Jostein Gaarder pretendeu, e conseguiu, ministrar uma série de lições de filosofia para adolescentes; no entender da maioria dos seus leitores, tornou a filosofia inteligível para os que a não entendem na sua plenitude.

Agora, o mesmo autor reconhece ter escrito o seu primeiro livro para adultos: *A Vida é Breve*.

Se em *O Mundo de Sofia* veiculou um curso de filosofia através de uma série de cartas destinadas a uma jovem estudante de catorze anos, desta vez, o escritor norueguês produziu um romance filosófico, também ele, em forma epistolar.

*A Vida é Breve* narra a história de um amor controverso, o de Aurélio Agostinho, futuro santo e padre da Igreja, com a culta e apaixonada Flória Emília, uma personagem que o autor reconstruiu com base nas referências superficiais que o próprio Santo Agostinho fornece nos seus escritos.

Este relacionamento é agora contado (e inventado) por Gaarder, que, servindo-se de um clássico expediente romanesco — o encaixe de uma narrativa em outra —, traduz a longa carta escrita pela amante ao homem que entretanto a repudiou para abraçar a vida religiosa.

*Vita Brevis* — é este o título original do livro — é, pois, a suposta tradução de um manuscrito que Gaarder encontrou numa feira do livro, em Buenos Aires, com a inscrição *Codex Floriae*. Seria «a reprodução de uma carta até agora desconhecida, para o padre da Igreja», da mulher a quem ele renunciou pela castidade? Tratar-se-ia «da cópia de outra reprodução mais antiga»? Ou seria esta carta um manuscrito apócrifo? São estas as perguntas

---

<sup>1</sup> Esta obra, publicada em 1994, foi traduzida em cerca de quarenta idiomas e já vendeu mais de dez milhões de cópias em todo o mundo.